

SEMÂNTICA - REFLEXÕES SOBRE O SIGNO LINGÜÍSTICO EM AURELIUS AUGUSTINUS, SAUSSURE, DÁMASO ALONSO E OUTROS.

Walmirio Macedo

(Da Abrafil, cadeira 09, professor titular de Língua Portuguesa da UFF (aposentado). Titular da cadeira de Estudos Semânticos do Curso de Pós-Graduação em Língua Portuguesa do Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português)

Aos meus alunos de Semântica, da pós-graduação em Língua Portuguesa, do Instituto de Língua Portuguesa, do Liceu Literário Português.

Muitos especialistas estudaram o signo, refletiram sobre ele e apresentaram teorias.

Recuando no tempo, chegamos à Grécia antiga com Platão e Aristóteles (Poética), e outros.

Saussure via o signo lingüístico como a associação de um significante a um significado.

Isso é o que nos foi passado por seus dois brilhantes alunos, Charles Bally e Albert Sechehaye, na publicação do Curso.

Dámaso Alonso (in *Poesia Española*, cap. III) viu incompletude na colocação de Saussure, ou seja, uma redução do que é realmente o signo lingüístico.

Para Dámaso Alonso, o signo é um significante + significado geral + significados parciais + percepções sensoriais, psíquicas etc..

É óbvio que Saussure não ignorava o que Dámaso acrescentou.

Para Dámaso, o significado é essa carga complexa.

O significante é a parte física e o significado, a parte mental.

Bernard Pottier diz que o signo, seja qual for a sua dimensão, tem sempre os mesmos constituintes: significante e significado.

A preocupação da Semântica é com o significado e com o sentido. Uso aqui o termo significado para a realidade vocabular e sentido para a frase.

Na verdade, o signo lingüístico se realiza na frase. É a sua concretude.

Hoje temos de pensar numa semântica da frase, o que implica um mecanismo lingüístico. Neste, os participantes necessários são o falante e ouvinte.

O falante (o emissor), numa fase de conceitualização, atua num processo onomasiológico, enquanto o ouvinte (o receptor) se situa num processo semasiológico.

Poder-se-ia dizer que o emissor age num processo de *construção*, enquanto o receptor atua na *desconstrução*.

Seria difícil e praticamente impossível, no âmbito de um modesto artigo, falar de todos os que trataram do signo em geral e especialmente do signo lingüístico.

Na realidade, uma reflexão profunda sobre esse tema seria muito enriquecedora para a semântica atual.

Atraíram-me, por muitos motivos, os estudos de Aurelius Augustinus (Santo Agostinho) que Coseriu, segundo o testemunho da lingüista romena, minha amiga Lucia Wald, considera, depois de Platão e Aristóteles, o grande teórico da linguagem.

Sua obra tem sido estudada e analisada por pesquisadores, por exegetas, principalmente sob o ponto de vista de seu conteúdo filosófico e religioso.

Agostinho, partindo das teses dos estóicos, que fizeram uma análise dos elementos do processo da comunicação, alargou o campo de suas pesquisas concentrando-se na noção de signo de outros meios de comunicação e estabelecendo definições precisas das unidades semiológicas.

Numa ótica semiológica, a sua cosmovisão se constitui de signos (*signa*) e coisas significadas (*significabilia*).

Para ele, o signo é o elemento material, perceptível.

Os *signa naturalia* não apresentam essa marca da intencionalidade e assim se distinguem dos *signa data*, estabelecidos voluntária e intencionalmente.

Nesse grupo, temos os visíveis – os gestos, as mímicas, as danças, a escrita etc. e os audíveis – as palavras, sons de instrumentos etc.

Os signos verbais são, sem dúvida, os meios mais importantes de comunicação.

O signo pode ser empregado com liberação de seu significado num contexto de metalinguagem.

Casa pode associar a imagem mental de moradia, mas em */ casa tem duas sílabas /*, ou em */ casa é substantivo /*, temos a liberação do significado.

Esse emprego se situa no campo da metalinguagem. Dizemos que o signo aí passou a *metassigno*.

Nesse aspecto, Santo Agostinho dá o seguinte exemplo: 'se fazemos a pergunta *quid est homo?*, podemos obter respostas diversas. A mais freqüente seria: Um animal, ou ainda melhor: um animal racional mortal (*homo est animal rationale mortale*). Mas não está descartada a resposta no campo da metalinguagem: */ homo est nomen /*, ou ainda, no campo do significante, */ homo est dyssillabum /*.

Como se observou, abre-se um leque de possibilidades.

Como Saussure, Agostinho vê a palavra como entidade de duas faces: *sonus et significatio*.

Aqui vale a pena estabelecer a diferença lógico-filosófica entre imagem mental e idéia.

A imagem mental é a representação de algo já conhecido na sua particularidade, enquanto a idéia se situa no campo do geral, do universal.

Quando eu digo: comprei uma mesa linda para o meu escritório, para mim a representação é uma imagem, mas para o ouvinte é uma idéia, pois não a conhece, ignora a cor, o tamanho etc..

A idéia é universal, a imagem é particular.

Agostinho entende por *verbum* a palavra de duas faces: o *sonus* – o som – e a *significatio* – a significação, equivalente a λέξις σημαντική, ou λόγος.

Para ele, *sonus* representa o corpo (*corpus*) da palavra e a *significatio*, a sua alma (*anima*).

Um signo só é signo se tiver significado.

Como diz Pottier, há dupla implicação. Um significante sem significado é só significante.

Não é signo.

O significante é divisível, mas o significado não tem dimensões.

A lingüística moderna discutiu o conceito de palavra, de *mot* para os franceses.

Pottier criou uma conceituação precisa.

Coloca a **palavra** como uma unidade material, construída. É uma unidade de construção. Pode ter significação ou não. Se tem significação, passa a ser o que Pottier chama de *lexia*, assumindo a categoria de signo.

Uma *lexia* pode ser uma palavra, mas nem toda palavra é uma *lexia*.

Em 'couve-flor', temos uma *lexia* formada de duas palavras.

Para Agostinho, tudo é semântico na língua e tudo que é semântico é relevante.

Coseriu faz afirmação idêntica. Todas as palavras possuem de alguma forma significação.

Agostinho lembra o caso da palavra *nihil* (nada) que exprime a não-existência.

É o caso também das preposições que alguns autores (mas isso já faz muito tempo) diziam não ter significação e que seriam apenas meros liames.

Para ele, têm significação e, para ressaltar, usa a prova de substituição nas expressões *lex tanta urbe* / e *lde tanta urbe* / que têm significação diferente por causa das preposições *ex* e *de*.

Pottier pensa da mesma maneira e chega a dizer que falar de preposições vazias é criar um monstro lingüístico.

No processo da transmissão da mensagem, para Agostinho o som torna-se σημαιον, significante, enquanto τό λέκτον se torna σημαϊνόμενον, significado.

Constituído por som e significação, o σημαιον e σημαϊνόμενον, a palavra portadora de significação (λέξις σημαντική ou λόγος) passa a denominar alguma coisa fora de si.

Na sua obra *De Dialecta* (V), Agostinho enumera quatro unidades que compõem o ato da comunicação a saber: *res, verbum, dicibile e dictio*.

Res est quid intelligitur vel sentitur vel latet. Sentiuntur enim corporalia, intelliguntur spiritualia, latet uero ipse Deus et informis materia. (*De Dialecta V*).

Res é definido por ele, segundo o enfoque semiológico, não como objeto, mas como *designatum* – material, perceptível ou imaterial.

Haveria muito a dizer, o que exigiria mais espaço e tempo. Na sua falta, resta-me a esperança de ter feito uma provocação de estímulo para tomarem conhecimento da obra de Aurelius Augustinus, na verdade um dos maiores gênios da humanidade.

NOTAS

1 – O que diz Dámaso Alonso, in *Poesia Española*, Editora Gredos:

“Cuando Saussure, y trás el, los fonólogos, atendia a la sucesión de las sílabas de la palabra árbol, y pensaba que con el estudio de las oposiciones silábicas se daba en el corazón del problema de la lingüística, estaba realizando un trabajo de enorme transcendencia, pero cometia al mismo tiempo un grueso error; no se daba cuenta de que estaba operando *in vitro* con unas criaturas que no admiten ser desgajadas de la realidad. Arbol, madre, así escritos, así pensados, no son nada, pura abstracción, algo tan muerto que podría enterrarse en un diccionario, necrópolis idiomática.

Al reducir Saussure el contenido del signo al concepto, desconoce totalmente la esencia del lenguaje: el lenguaje es un inmenso complejo en el que se refleja la complejidad psíquica del hombre. El hombre al hablar no se conduce como una fría máquina pensante. Todas las vetas de su vida espiritual – intrincada como una selva virgen – buscan expresión, y aún en las frases más sencillas el oyente intuye inmediatamente la densa carga, el rico contenido de su significado.”

2 – Peirce

Para Peirce há três e não mais que três elementos formais e universais em todos os fenômenos que se apresentam à percepção e à mente.

Para ele, o signo é qualquer coisa de qualquer espécie: uma palavra, um livro, uma biblioteca, um gesto, uma pintura, um museu uma coroa, uma man-

cha de tinta, um vídeo etc. que representam outra coisa chamada objeto do signo e que produz um efeito interpretativo em uma mente real ou potencial, efeito este que é chamado de interpretante do signo. (Cf. *Semiótica Aplicada*, Lucia Santanella)

3 – Do signo lingüístico propriamente dito podemos distinguir no plano do significado os seguintes subtipos:

- a) Significado léxico (apreensão do mundo extralingüístico) – o significado que é comum a todas as palavras pelo radical e, ao mesmo tempo, as diferenças entre cada um;
- b) Significado categorial (apreensão do mundo extralingüístico através das categorias: substantivo, adjetivo, verbo etc.);
- c) Significado instrumental (significado sintático no sentido estrito);
- d) Significado ôntico (designado em uma oração (afirmativo, negativo, interrogativo, imperativo etc.).

4 – Uma leitura proveitosa é sem dúvida o texto que foi a participação da lingüista Lucia Wald (Bucarest) na XIIa. Conferência Internacional de Estudos Clássicos, 1972, tiragem à parte pela Editura Academici de Bucarest: *La terminologie sémiologique dans l'oeuvre de Aurelius Augustinus*.